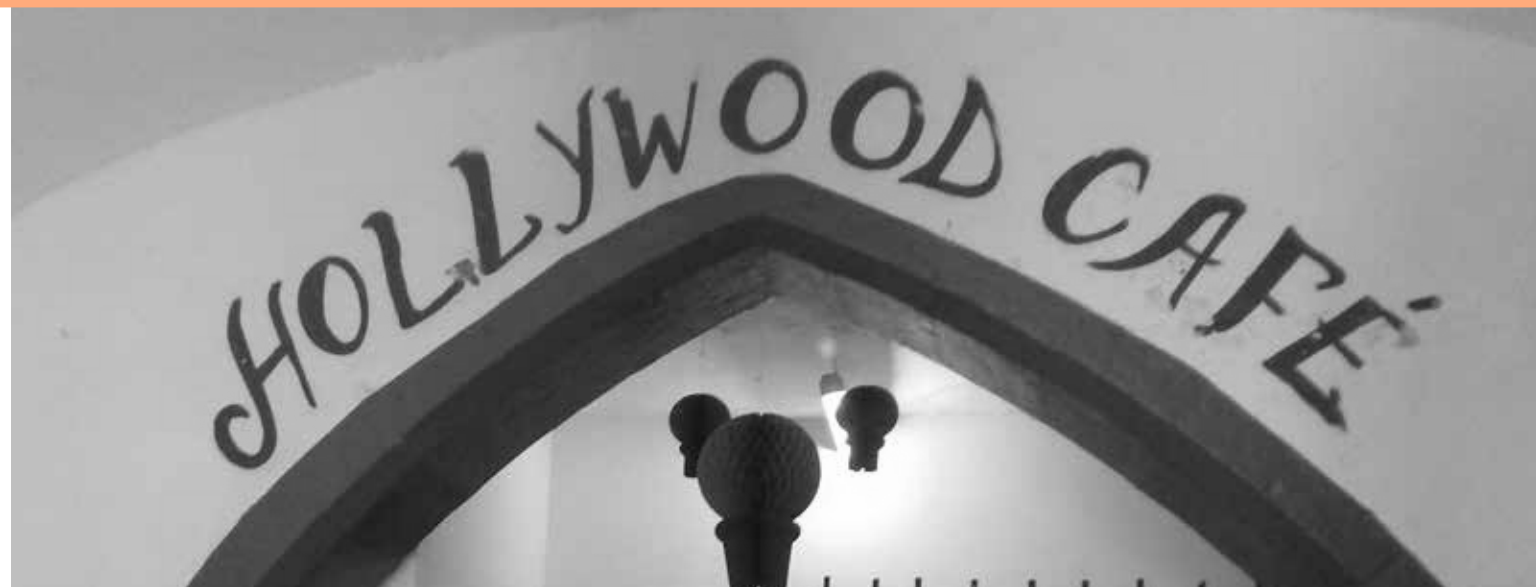


CRIAR CORPO, CRIAR CIDADE

VOL.2

ANA ESTEVENS
FILIPE MATOS
SOFIA NEUPARTH
(COORD.)





SEMINÁRIOS CRIAR CORPO CRIAR CIDADE



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

CRIAR CORPO CRIAR CIDADE vol.2

COORDENAÇÃO

Ana Estevens, Filipe Matos
e Sofia Neuparth

AUTORES

Ricardo Venâncio Lopes, Pedro Costa,
Agustín Cócola-Gant, Ana Gago,
Ana Jara, Mariana Viana, Julia Salem,
Daniel Paiva e Iñigo Sánchez

DESIGN

Susana Gama

IMAGEM DA CAPA

Ana Estevens

EDIÇÃO

Centro de Estudos Geográficos, Instituto
de Geografia e Ordenamento do Território,
Universidade de Lisboa

ISBN

978-972-636-283-8

DOI

10.33787/CEG20190024



Lisboa, Julho de 2019

Este livro é publicado como resultado da 2ª edição dos seminários de investigação CRIAR CORPO CRIAR CIDADE, organizados em parceria entre o projeto Ágora - Encontros entre a Cidade e as Artes: Explorando Novas Urbanidades [PTDC/ATP-GEO/3208/2014] e o c.e.m. - centro em movimento.

Este livro é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia I.P. (UID/GEO/00295/2013).

ÍNDICE

05 **CRIAR CORPO CRIAR CIDADE**
ANA ESTEVENS, FILIPE MATOS E SOFIA NEUPARTH

07 **PERCEPÇÕES E CONFLITOS
NO ACESSO À CIDADE:**
A RELEVÂNCIA DOS AMBIENTES CULTURAIS
NOS PROCESSOS DE ACTIVAÇÃO SOCIAL
RICARDO VENÂNCIO LOPES E PEDRO COSTA

17 **AIRBNB, INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO
E A CRISE DE HABITAÇÃO EM LISBOA**
AGUSTÍN CÓCOLA-GANT E ANA GAGO

25 **O CASO DA COLINA DE SANTANA**
HISTÓRIA DE UMA DUPLA PRIVATIZAÇÃO
ANA JARA

31 **CORPO-DOCUMENTAÇÃO**
MARIANA VIANA

38 **ALTERIDADE URBANA**
ERRÂNCIA COMO MÉTODO
JULIA SALEM

44 **A RESSONÂNCIA DO TURISMO
EM LISBOA**
DANIEL PAIVA E IÑIGO SÁNCHEZ

49 **BIOGRAFIAS**

CRIAR CORPO CRIAR CIDADE

ANA ESTEVENS, FILIPE MATOS, SOFIA NEUPARTH

Ao longo dos anos as cidades têm sido palco de inúmeras transformações e deformações, que têm transformado e deformado os corpos. Os tempos têm sido rápidos e a precipitação para a obtenção de lucro ainda mais rápida. Temos acompanhado estas mudanças: as praças e miradouros fechados e privatizados à revelia dos habitantes, os habitantes despejados das suas casas, o ruído das obras, do trânsito e das mudanças que não dão descanso, os movimentos que levam corpos para longe dos seus espaços mais familiares porque as rendas são agora incomportáveis e os movimentos opostos que trazem para dentro da cidade quem pode economicamente habitá-la e usufruí-la. Várias alterações legislativas dos últimos anos [Regime fiscal para os residentes não habituais - 2009; Regime jurídico dos fundos de investimento imobiliário - 2010; Lei do arrendamento urbano (Lei nº31/2012); Vistos Gold - 2012; Regime Excepcional para

a Reabilitação Urbana - 2014] favoreceram o aumento do valor do solo, dos preços da habitação e têm provocado o despejo de habitantes da cidade, sem condições financeiras para pagar os novos preços das rendas. O mercado imobiliário foi desregulado e impulsionado, atraindo, assim, novos proprietários, ao mesmo tempo que alguns espaços adquiriram uma nova aura, passando a destinar-se, essencialmente, a turistas e visitantes.

No meio destas mudanças, perguntas vão surgindo, também, com maior rapidez, tornando cada vez mais premente a necessidade de uma reflexão maior e mais demorada. O CRIAR CORPO CRIAR CIDADE¹ surgiu desta necessidade de demora, de encontro e de reflexão.

1 - CRIAR CORPO CRIAR CIDADE é um conjunto de seminários de investigação organizados em parceria entre o projecto Ágora: Encontros entre a Cidade e as Artes: Explorando novas Urbanidades (PTDC/ATP- GEO/3208/2014) e o c.e.m. - centro em movimento. A proposta destes seminários é abordar a cidade (espaço, lugar e habitabilidade) na sua relação com o movimento do corpo (sensação, percepção e gesto), privilegiando-se uma matriz de pensamento crítico e uma perspectiva multidisciplinar na relação da arte com a cidade.

Assistimos diariamente a este tipo de mudanças: o que hoje era, amanhã já não está lá! Definem-se novas imagens para os lugares, descontextualizadas, aumentando a sua superficialidade e criando imagens e imaginários que se tornam mundos paralelos à realidade. Os discursos sobre a cidade e sobre a forma como é produzida têm privilegiado a construção de uma trama narrativa que perverte uma realidade invisível. Só se vê a cidade bonita, turística, pensada à medida, produzida com a pressa de chegar mais rapidamente a um futuro desenhado. A exclusão, a segregação, a precarização, a estigmatização ou a fragmentação aparecem distantes a quem olha. É a imagem que se quer projectada para fora que é visível. É a cidade cosmopolita, vibrante, 'espectacular' que despolitiza os espaços e os corpos, acentuando eufemismos e antagonismos, e empurrando-os para uma neutralidade cada vez mais evidente como se de um vazio se tratasse.

Como uma mancha gigantesca que escorre sem olhar por onde, a destruição da Lisboa que conhecíamos até há pouco mais de dez anos varre o quotidiano, fazendo aparecer cenários que pretendem seduzir e capturar quem os use e pague por isso. Alimenta-se, assim, mais e mais a venda de tudo o que se possa imaginar, da casa ao palácio, da ruína à estação de comboios, da loja de família ao armazém centenário... quem habitava a cidade foi escorraçado para outro lugar ou fugiu para a "terra" mesmo que a "terra" sempre tenha sido Lisboa. Quem mora no centro de Lisboa são os ocupantes dos alojamentos locais (AL), e os poucos que ainda estão nas suas casas irritam-se contra tudo o que mexe, fatos dos abusos de tudo, como a poluição cruel dos paquetes ou o som estridente dos cafés e dos bares, ou dos trolleys que rolam pela calçada. Nesta massificação onde as estruturas não aguentam, o lixo acumula-se em cada esquina, porque a cidade cortou as ligações com quem a ama.

Em todos os cantos mora gente sem tecto. Gente que já não corresponde ao estereótipo do toxicodependente, do louco ou do bandido. Gente que não consegue pagar a sua renda mesmo que tenha o luxo de ter um emprego com contrato... gente-qualquer. Corpos constantemente filmados, fotografados e desconsiderados. As proibições aumentam, o espaço público é retirado da fruição comum e em cada canto brilham luzes coloridas exibindo tradições que nunca existiram. E no meio deste caos vertiginoso, a Lisboa escondida por baixo da Lisboa forçada a vender-se teima em respirar em ruelas escondidas, em beirais coroados de papoilas e em sorrisos sinceros. A demora convida ao aparecer da cidade emudecida, dos corpos possíveis que criam espaços onde se pode existir.

Foi neste contexto, que CRIAR CORPO CRIAR CIDADE continuou a sua viagem de encontro e reflexão trazendo lado a lado experiências, vivências e considerações diversas que nutrem a possibilidade de desentupir discursos

já banalizados e abrem brechas para que uma outra experiência de cidade possa vibrar e que os corpos possam confiar em formas de ser-estar-fazer que não reduzem e miserabilizam a humanidade.

Esta 2ª edição do CRIAR CORPO CRIAR CIDADE percorreu caminhos que nos levaram aos contextos mais periféricos da cidade, abordámos o seu centro e as dinâmicas do investimento imobiliário, da privatização, da turistificação e da especulação, aprofundámos o conhecimento sobre a presença do corpo no espaço e sobre outras formas de estar. Para que estas reflexões fossem possíveis, contámos com a presença do Ricardo Venâncio Lopes, do Agustín Cocola-Gant, da Ana Jara, da Mariana Viana, da Julia Salem, da Rita Fouto e do Daniel Paiva que partilharam connosco as suas experiências e conhecimento². Continuámos este diálogo colectivo abrindo espaços de reflexão e ressonância em cada um(a) que agora partilhamos neste e-book de acesso aberto a todos.

² - É possível escutar as apresentações e debates em <https://agoraprojecto.wordpress.com/criar-corpo-criar-cidade>.

A RESSONÂNCIA DO TURISMO EM LISBOA

DANIEL PAIVA
E IÑIGO SÁNCHEZ



A RESSONÂNCIA DO TURISMO EM LISBOA

DANIEL PAIVA
E IÑIGO SÁNCHEZ¹

É interessante que o atual processo de turistificação de Lisboa tenha sido comparado ao terramoto de 1755 porque o evento sísmico tem uma dimensão sonora importante². Para além de destruição, as vibrações dos terremotos produzem ondas sonoras na atmosfera que são audíveis durante ou imediatamente antes do evento³. O som que é produzido é frequentemente descrito como um rugido, um trovão, ou uma

explosão⁴. Uma parte significativa destas ondas sonoras estão abaixo do limite de audição humana, mas muitas espécies de animais são capazes de as captar, o que tem levado cientistas a tentar compreender como a percepção dos animais pode ser usada para prever sismos, até hoje com sucesso muito limitado⁵.

Estendendo a metáfora do terramoto à sua dimensão sonora, podemos imaginar como o som poderá ser um instrumento para abordar o processo de turistificação em Lisboa, cuja força disruptiva é sentida de forma desigual nas diferentes camadas sobre as quais assenta

a vida urbana da cidade. Que novas possibilidades para pensar nos oferece o som? Um ponto de partida para responder a esta questão pode ser o trabalho de Veit Erlmann⁶ sobre ressonância.

Erlmann contesta a ideia de que a racionalidade moderna tem sido unicamente substanciada pela ideia de reflexão, e apresenta a ressonância como uma metáfora alternativa para o raciocínio. A reflexão é a metáfora básica para o pensamento que fundamenta o racionalismo cartesiano, no qual o conhecimento racional advém da mente que pensa, uma entidade separada do corpo sensorial que pode ser enganado por sensações e emo-

1 - INET-MD, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. A investigação conducente a este capítulo é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através do projeto *Sounding Lisbon as Tourist City: Sound, Tourism and the Sustainability of Urban Ambiances in the Post-industrial City* (PTDC/ART-PER/32417/2017).

2 - Left Hand Rotation. (2016). *Terramotourism*. Disponível em: <https://vimeo.com/191797954>

3 - Michael, A. (2011) *Earthquake Sounds*. In: Gupta, H. (ed.) *Encyclopedia of Solid Earth Geophysics*. Londres: Springer. doi: 10.1007/978-90-481-8702-7

4 - Tosi, P., De Rubeis, V., Tertulliani, A. & Gasparini, C. (2000). Spatial patterns of earthquake sounds and seismic source geometry. *Geophysical Research Letters*, 27 (17), 2749-2752.

5 - Woith, H., Petersen, G., Hainzl, S. & Dahm, T. (2018) Review: Can Animals Predict Earthquakes? *Bulletin of the Seismological Society of America*, 108 (3A), 1031-1045.

6 - Erlmann, V. (2010). *Reason and Resonance: A History of Modern Aurality*. Brooklyn: Zone Books.

ções. Na metáfora da reflexão, "tal como o espelho reflete as ondas de luz sem que a sua própria substância seja afetada, a mente representa o mundo exterior enquanto ao mesmo tempo se mantém separada dele".⁷ Neste sentido, a reflexão estabelece uma separação absoluta entre sujeito e objeto, entre aquele que percebe e aquilo que é percebido.

O conhecimento então torna-se objetivo, porque se foca nas propriedades dos objetos, sem a parcialidade do observador. Ao mesmo tempo, o conhecimento racional objetivo é associado à visão.

Por outro lado, a ressonância é o absoluto oposto da reflexão, pois nenhum limite é estabelecido entre quem percebe e aquilo que é percebido. A ressonância implica a conjunção de sujeitos e objetos através de uma sensação, afeto, ou experiência partilhada. Este modo de entender o pensamento tem sido frequentemente descrito como uma característica de culturas orais pré-modernas ou não-Ocidentais, mas Erlmann contesta a ideia de que a razão moderna é exclusivamente ancorada na reflexão e no pensamento visual, e apresenta uma história da presença da metáfora da ressonância na filosofia moderna, desde o período Romântico à fenomenologia contemporânea.

7 - Erlmann, 2010, p. 9.

[1]

Movimento de consumidores e turistas na Rua Garrett, Chiado. Fonte: autores.

Estudar a turistificação de Lisboa de um modo ressonante implica então perceber os múltiplos ecos que este processo tem provocado. Implica ir para além dos estudos focados no olhar do turista⁸, mas também requer não nos contentarmos com dirigir esse foco apenas para o ouvido do turista⁹.

O campo florescente das geografias sónicas¹⁰ tem tornado evidente a multiplicidade de abordagens possíveis ao som e o modo como o som nos desvenda coisas que não nos são acessíveis através dos outros instrumentos de observação que temos ao nosso dispor. O som emerge de todos os corpos humanos e não humanos,

8 - Urry, J. (1990). *The tourist gaze*. Londres: SAGE.

9 - Waitt, G. & Duffy, M. (2010) Listening and tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 37(2), 457-477.

10 - Paiva, D. (2018). Sonic geographies: Themes, concepts, and deaf spots. *Geography Compass*, 12(7), e12375.





[2]

Selficação do Miradouro de Santa Luzia, Alfama. Fonte: autores.

todos os materiais terrestres e atmosféricos, todos os objetos, máquinas, e outras tecnologias, e ressoa em todos estes. O som transmite diversas formas de conhecimento ambiental, desde formas representacionais como discursos e sinais, a formas não-representacionais como afetos e emoções. Deste modo, o som abre um espaço de emergência, comunicação, contacto e, consequentemente, diferença. É assim, também, um campo disputado, e uma maior atenção ao potencial político do espaço sonoro oferece oportunidades interessantes para abordar questões complexas como a turistificação da cidade.

O turismo é hoje um hiper-objeto. Timothy Morton¹¹ definiu os hiper-objetos como as coisas que estão tão massivamente distribuídas no tempo e no espaço que não podem ser compreendidos se estudados a partir de uma única localização. Apesar de transcenderem a localização, os hiper-objetos são viscosos, e aderem a qualquer outra coisa com que entram em contacto. Eles formam ligações com todos os outros objetos, e é apenas através da sua ação nos outros objetos que podemos compreender a dimensão de um hiper-objeto. O aquecimento global e a radioatividade são hiper-objetos, e o turismo também.

¹¹ - Morton, T. (2013). *Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World*. Londres: University Of Minnesota Press.

O turismo enquanto hiper-objeto ressoa em todos os cantos de Lisboa. Ressoa debaixo da terra, no movimento do metropolitano e dos comboios. Ressoa no fundo do estuário do Tejo, com a poluição dos cruzeiros e os infrassons dos seus motores. Ressoa nas ruas, nas lojas, e dentro das habitações, onde ecoa o burburinho dos turistas. Ressoa na atmosfera, com o voo rasante dos aviões que chegam e partem. Abordar a ressonância deste hiper-objeto é um meio privilegiado para compreender os múltiplos impactos que tem na paisagem lisboeta não só em termos da ecologia acústica, mas também a nível financeiro, comercial, habitacional, social, político, e urbanístico.

Neste sentido, é importante não apenas escutar, mas também atender à multiplicidade de seres que ouvem e produzem sonoridades no processo de turistificação da cidade. Importa compilar estas escutas e estas sonoridades, e mapeá-las, permitindo que elas desvendem as diversas facetas deste fenómeno, entrem em diálogo e, com alguma sorte, descubram uma possível coabitação.



CRIAR CORPO, CRIAR CIDADE VOL.2

Durante os primeiros meses de 2019, o c.e.m. - centro em movimento voltou a abrir as suas portas para um segundo ciclo dos seminários de investigação CRIAR CORPO CRIAR CIDADE. O ritmo da transformação da cidade e dos seus corpos acelera rapidamente. As partilhas do Ricardo Venâncio Lopes, do Agustín Cocola-Gant, da Ana Jara, da Mariana Viana, da Julia Salem, e da Rita Fouto serviram de rasilho para, primeiro, mais conversas e visões sobre os movimentos dos corpos na cidade: corpos embelezados, ignorados, higienizados, vedados, fotografados, valorizados, conquistados, privatizados, despejados, atraídos, expulsos, sonhados, vigiados, documentados. Uma miríade de deslocações e deambulações que se debateram em ritmo lento, sem pressa. A demora convida ao aparecer da cidade emudecida, dos corpos possíveis que criam espaços onde se pode existir. Esta 2ª edição do CRIAR CORPO CRIAR CIDADE percorreu caminhos que nos levaram aos contextos mais periféricos da cidade, abordámos o seu centro e as dinâmicas do investimento imobiliário, da privatização, da turistificação e da especulação, aprofundámos o conhecimento sobre a presença do corpo no espaço e sobre outras formas de estar. Continuámos este diálogo colectivo abrindo espaços de reflexão e ressonância em cada um(a) que agora partilhamos neste e-book de acesso aberto a todos.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



c.e.m
www.c-e-m.org

